



## FILOSOFIA CLÍNICA E AS DIFERENÇAS ENTRE O TÓPICO 1 E OS EXAMES CATEGORIAIS

### *CLINICAL PHILOSOPHY AND THE DIFFERENCES BETWEEN TOPIC 1 AND CATEGORICAL EXAMS*

Lúlia Paula Peixoto de Campos Brum\*

#### RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa sobre as diferenças entre o tópico 1 (como o mundo me parece) e os exames categoriais. Para realizarmos este propósito serão apresentados neste artigo os conceitos do tópico 01 e dos exames categoriais e assim nos empenhamos em identificar as suas diferenciações. Trata-se de uma pesquisa bibliográfico-exploratória, com o objetivo de apresentar a conceitualização do tópico 1 e dos exames categoriais em suas especificidades; nesse processo, utilizamos como fontes e referências bibliográfico-documentais os materiais escritos e audiovisuais disponibilizados por Lúcio Packter, Will Goya, José Maurício de Carvalho, Margarida Nichele Di Paulo e Mariza Zambom Niederauer, Ronaldo Miguel da Silva, Everson A. Nauroski, Rochelle Garcia Nunes e Rosemary Pedrosa, Miguel Angelo Caruzo e, Hélio Strassburger, autores de diferentes temas de Filosofia Clínica e todos filósofos e clínicos com atuação em consultório. Os *podcasts* e vídeos pesquisados foram acessados por meio da plataforma do Instituto Sendkto de Ensino Superior e da plataforma *Youtube*. O filósofo clínico, na colheita da historicidade do partilhante, deverá localizá-lo existencialmente para que possa fazer o planejamento clínico capaz de ajudá-lo em sua demanda terapêutica.

**Palavras-Chave:** Filosofia Clínica; representação; base categorial.

#### ABSTRACT

*This paper is an investigation into the differences between topic 1 (what the world seems to me) and categorical exams. To this end, the article presents the concepts of Topic 1 and the categorical exams, and then elaborates on their differences. It is a bibliographic-explorative study with the aim of presenting the conceptualization of topic 1 and categorical exams in their particularities. We have used as sources and bibliographic-documentary references the written and audiovisual material published by Lúcio Packter, Will Goya, José Maurício de Carvalho, Margarida Nichele Di Paulo & Mariza Zambom Niederauer, Ronaldo Miguel da Silva, Everson A. Nauroski, Rochelle Garcia Nunes & Rosemary Pedrosa, Miguel Angelo Caruzo and Hélio Strassburger, authors of various topics in clinical philosophy, who are all philosophers and clinicians working in private practice. The podcasts and videos researched were accessed via Sendkto Higher Education Institute platform and Youtube platform. The clinical philosopher must grasp the historicity of the sharer and existentially situate him/her in order to create a clinical plan that will help him/her with his/her therapeutic needs.*

**Keywords:** Clinical Philosopher; representation; categorical basis.

## 1 INTRODUÇÃO

As pessoas têm uma visão muito própria e única de como é o mundo. Para os gregos o mundo sempre existiu, já numa tradição judaico-cristã, o mundo foi criado por Deus, então teve um início. No *Buddhismo* não há a ideia de início e fim do mundo, e sim que o mundo é criado milhões de vezes a cada segundo e isso continuará a acontecer por si mesmo e terminará por si mesmo. No hinduísmo, religião dos indianos, há uma



correlação entre o mundo exterior e o indivíduo, pois eles acreditam que as forças que compõem o universo também se encontram dentro do corpo humano.

Bem, se é possível nesses breves exemplos termos definições e visões de mundos diferentes, então teremos uma ideia de que se partirmos do pressuposto de que cada indivíduo é único, encontraremos infinitas possibilidades de se perceber o mundo. E desta forma é que a Filosofia Clínica se conduz, acreditando que cada indivíduo tem uma forma singular de perceber o seu mundo e o mundo que está em volta dele. Daí a importância de se estudar o mundo que envolve o partilhante na sua percepção, o mundo que esse partilhante está inserido mesmo sem contar com a sua percepção e, se esse mundo o afeta ou não. Teremos então os estudos dos exames categoriais, da base categorial e do tópico 1 da Estrutura de Pensamento na Filosofia Clínica.

Esta pesquisa atende um desejo pessoal de entender como o partilhante percebe o seu mundo, seja um mundo que o afeta, um mundo que o localiza existencialmente através de uma visão subjetiva e, um mundo que independe desse sujeito<sup>1</sup>. Mesmo antes de pensarmos em Filosofia Clínica é possível se verificar as diferenças de percepções sobre o mundo contado através das pessoas e o mundo citado como geral ou universal. Para algumas pessoas o mundo delas poderia ser descrito como as relações que elas estabeleciam com seus conhecidos ou com um lugar e tempo específicos. Já para outras pessoas o mundo parecia bem mais amplo, pois incluíam a política, a economia e, toda uma concepção de uma época. Posteriormente, mais tarde, a partir dessas observações algumas perguntas amadureceram: E o mundo que não era percebido pela pessoa? Esse deveria ser excluído da história dela? Haveria alguma influência sobre como essa pessoa construía suas verdades? Com os estudos da Filosofia Clínica, foi possível verificar que há nomes e estudos que respondem a estas perguntas, que são o tópico 1, os exames categoriais e a base categorial da estrutura de pensamento de um indivíduo.

Esta é uma pesquisa bibliográfica, pois este trabalho serve como base, com o intuito de apresentar conceitos apresentados por filósofos clínicos sobre o tópico 1 e exames categoriais.

As obras pesquisadas e relatadas nesse trabalho são de filósofos clínicos que tem experiência em consultório, pois há a preocupação de apresentar conceitos já experimentados em clínica.

---

<sup>1</sup> Essas reflexões foram o que motivaram a escolha do tema e depois uma adequação a pesquisa dentro da linguagem da Filosofia Clínica.



O objetivo deste artigo é apresentar os conceitos do tópico 01 (como o mundo me parece<sup>2</sup>) e dos exames categoriais, que servirão de base para que o leitor consiga diferenciar um do outro.

O método de procedimento utilizado é o comparativo, pois esse trabalho utilizou-se da conceitualização de diversos filósofos clínicos sobre o mesmo tema. Os autores pesquisados citam-se entre si em suas obras e, para não se tornar repetitiva, evitou-se apresentar conceitos repetidos, e sim buscou-se apresentar novas percepções e visões sobre o mesmo tema pesquisado.

A execução dessa pesquisa apresenta os conceitos dos temas em questão, apresentados por filósofos clínicos, e não por filósofos apenas. E essa preocupação tem respaldo com base que a Filosofia Clínica tem embasamento filosófico, mas não é considerada uma nova teoria filosófica.

Já do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa é bibliográfica, pois é elaborada a partir de conteúdos de livros, podcasts, vídeos, artigos científicos, internet e outras referências já publicadas. A plataforma do Instituto Sendkto foi utilizada para a pesquisa dos podcasts e vídeos feitos por Lúcio Packter.

Esta pesquisa é uma síntese de conhecimentos, que apresenta os conceitos do tópico 1 – como o mundo me parece, da Estrutura de Pensamento, e os conceitos dos exames categoriais, estudos a serem buscados pelo filósofo clínico no atendimento terapêutico da Filosofia Clínica.

A natureza desse trabalho é uma pesquisa bibliográfica com o caráter empírico<sup>3</sup> mediante a compilação de conceitos atribuídos ao tópico 1 (como o mundo me parece) da Estrutura de Pensamento e os Exames Categoriais, que tem o intuito de levar o conhecimento aqui copilado à prática da Filosofia Clínica. Do ponto de vista de seus objetivos, essa pesquisa é exploratória, pois envolve levantamento bibliográfico sobre os conceitos fenomenológicos do tópico 1 e dos exames categoriais.

A Filosofia Clínica tem um vasto material gravado em vídeos e áudios de aulas ministradas nos centros de formação localizados em vários estados brasileiros. A divulgação e estudo são muito pautados em encontros dialogados e discutidos em sala de

<sup>2</sup> Sobre esta terminologia, Cf. a Nota n. 1 do nosso trabalho '**Filosofia Clínica e as bases filosóficas do tópico 1 e os exames categoriais**', com acesso disponível por meio do *link* a seguir: [https://www.revistapartilhas.org/files/ugd/b3c8b3\\_ece89042d1d64b52a842ac9c94cade7a.pdf](https://www.revistapartilhas.org/files/ugd/b3c8b3_ece89042d1d64b52a842ac9c94cade7a.pdf).

<sup>3</sup> Esta pesquisa é considerada de caráter empírico, pois sua teoria foi comprovada na prática clínica. Portanto, a teoria da Filosofia Clínica é calcada na observação e aplicação do conhecimento no atendimento de várias pessoas pelos filósofos clínicos pesquisados.



aula. Portanto, fazer uma pesquisa bibliográfica tem também o intuito de facilitar os estudos de quem se interessa pela Filosofia Clínica. Porém, nesse trabalho não há a intenção de enrijecer a Filosofia Clínica. Lúcio Packter sempre apresenta a preocupação de deixar em aberto as nomenclaturas, com o objetivo de sempre a deixar adaptável subjetivamente a quem se busca auxiliar em clínica.

Contudo, uma das premissas da Filosofia Clínica é entender que os fatos narrados em terapia têm sua veracidade pautada no julgamento de quem os conta. Com isso, o filósofo clínico atento ao que o outro relata, analisa se a verdade<sup>4</sup> narrada é adequada a Estrutura de Pensamento do partilhante, conciliando os prováveis choques entre os tópicos causadores das dores existenciais.

Goya, na obra ‘Raízes Gregas da Filosofia Clínica’ (2016, p. 123), cita que as “[...] verdades não são apenas informações que se possam repassar, são também percepções da consciência, que se exercitam”. Com isso ele nos lembra que nenhuma teoria pode antecipar ou substituir uma percepção subjetiva sobre alguma experiência. A escuta atenta<sup>5</sup> é o caminho para quem quer conhecer o outro através dele mesmo, colhendo sua história contada de forma singular e subjetiva. A Filosofia Clínica busca auxiliar a pessoa através da riqueza de caminhos que ela mesma, por vezes, já testou e confirmou sua eficácia ou não.

O ser humano enxerga o que seus olhos captam, analisa o que se cérebro pensa, sente o que seu corpo percebe<sup>6</sup> e, assim o mundo que o é vivido é a representação do que a sua percepção constrói. Portanto, conhecer alguém não é só obter informações sobre ela, e sim escutá-la na sua historicidade, considerando sua vivência tal qual foi percebida e narrada por ela.

O filósofo clínico, mediante os dados colhidos na historicidade do partilhante, deverá localizá-lo existencialmente para que possa fazer o planejamento clínico capaz de ajudá-lo em sua demanda terapêutica.

---

<sup>4</sup> Verdade aqui considerada é um tema ou assunto com a representação de quem o conta, sem o julgamento se há consonância ao senso comum numa determinada sociedade, época, lugar ou qualquer outro critério que conteste o que o outro relata.

<sup>5</sup> A escuta atenta é aquela que se preocupa em colher as informações como são fornecidas pelo partilhante, com o cuidado de não distorcer ou fazer interpretações ao que foi dito. A Filosofia Clínica se baseia em colher os dados literais.

<sup>6</sup> Nesse trecho o objetivo é demonstrar que cada parte do ser humano apesar de ser responsável por funções específicas, pertencem num todo a pessoa a qual é aplicada a clínica terapêutica.



## 2 CONCEITUALIZAÇÃO FENOMENOLÓGICA DO TÓPICO 1 – COMO O MUNDO ME PARECE – E DOS EXAMES CATEGORIAIS

### 2.1 CONCEITUALIZAÇÃO DO TÓPICO 1

A conceitualização do tópico 1, como o mundo me parece, da Estrutura de Pensamento foi fácil de ser encontrada nos livros, vídeos e podcasts de Filosofia Clínica. As obras pesquisadas não apresentam estudos em diferentes perspectivas e, sim seguem sem significativas alterações e/ou diferenciações entre si.

No Caderno B, Lúcio Packter diz que a estrutura de pensamento é o jeito existencial da pessoa. A Estrutura de Pensamento é composta de 30 tópicos. E a maneira que estes tópicos se apresentam são representados por 32 submodos. O submodo 33<sup>7</sup> – em direção às emoções é uma inclusão proposta e trabalhada pelo filósofo clínico Will Goya à tábua de submodos apresentada pelo Lúcio Packter, que é o sistematizador da Filosofia Clínica. Ademais, os tópicos da estrutura de pensamento, de acordo com Lúcio, são uma forma de agregar 2.500 anos de filosofia.

No Caderno B, Lúcio Packter diz que no tópico 1, o filósofo clínico deverá colocar literalmente o que a pessoa lhe relata sobre o meio que ela vive. Portanto, nesse caso não existe uma verdade absoluta fora daquilo que for convencionalizado. Isto quer dizer, que a verdade relatada pelo partilhante é aquela que é percebida por ele. Por isso, a colheita das informações é de forma singular, pois não questiona se o fato é verdade ou não, ou se há outra versão ou não. Nesse tópico, o filósofo clínico deverá relacionar como parecem à pessoa as situações do local em que habita enquanto ser existente.

Na obra ‘Dicionário de Filosofia Clínica’, as autoras Pedrosa e Nunes (2000; 2023, p. 38) fazem uma referência a Lúcio Packter sobre a importância de saber que as pessoas vivenciam as experiências de modo diverso tendo conclusões diversas, e que, cada uma, acordante com suas estruturas lógicas internas, está em posse da verdade. Nessa mesma obra, as autoras conceituam a Filosofia Clínica apresentando que “[...] é

---

<sup>7</sup> Assim como descrito no corpo do texto, o submodo 33 – em direção às emoções é uma inclusão pessoal do filósofo clínico Will Goya aos submodos sistematizados por Lúcio Packter. Esse submodo 33 é trabalhado na Casa de Estudos Francisco de Assis – Centro de Filosofia Clínica em Goiânia/GO com o seguinte conceito “[...] é todo empreendimento intencional da consciência no sentido e na capacidade possível de identificar, entender e gerenciar as emoções, com seus conflitos, afinidades e suas possíveis autogenias (T30) decorrentes na historicidade de cada estrutura de pensamento [...]”. (Goya, 2020. p. 258).



um exercício filosófico nas questões existenciais, original, criado por Packter, para trabalhar os choques mais graves e violentos que ocorrem na Estrutura de Pensamento da pessoa”. Elas citam que a Filosofia Clínica deve ser considerada uma ação fenomenológica na escuta e humanista, ou seja, um procedimento clínico.

Na obra ‘Compêndio de Filosofia Clínica’ (Paulo; Niederauer, 2013), as autoras indicam que o tópico 1 estará presente na fala do partilhante quando este relatar sua visão de mundo, que poderá ser construída a partir do que está acontecendo em seu contexto, seja esse relacionado à religião, à economia, à política, à espiritualidade, ao meio ambiente etc.

Já para José Maurício de Carvalho, na obra ‘Diálogos em Filosofia Clínica’ (p. 59, 2013) o tópico 1 traduz o modo como cada pessoa enxerga o mundo em que vive. Em outro momento, na mesma obra (p. 65, 2013), apresenta que “[...] a imagem de mundo repercute na malha intelectual de modo diverso conforme combine com outros tópicos”.

Assim, como todos os tópicos da estrutura de pensamento, o tópico 1 deverá ser analisado no todo, em suas interseções ou não interseções com um ou mais outros tópicos. Outra verificação é se este tópico é determinante, importante ou insignificante para a pessoa.

No *podcast* **Subjetividade**, Packter questiona se o mundo tem as cores que a pessoa pinta? E até que ponto a pessoa pode interagir com o mundo? Numa passagem, Lúcio faz a seguinte afirmação: “As cores do mundo podem variar muito diante da interação que fazemos em certos contextos” (Programa Conversando com Lúcio Packter, 09 min. 24 s. – 09 min. 31 s.).

Cada pessoa tem um modo de atuação e, às vezes esses modos de atuação dependem muito pouco dos elementos pontuais e, sim dependem muito mais dos elementos que trouxeram a pessoa ali. Desta feita, Packter utilizando-se de uma metáfora, que falamos em Filosofia Clínica do submodo 22 – vice-conceito, diz: “De certa maneira, a maneira como a pessoa interage com as tintas do mundo, promove as tintas do mundo nela, ela no mundo” (Programa Conversando com Lúcio Packter, 14 min. 25 s. – 14 min. 35 s.)

Para muitas pessoas as cores do mundo as tocam de forma pronta que as restam viver assim como as cores se apresentam. Há então uma interação passiva e, até uma passividade que se tornasse uma expectativa, um princípio, de uma ação ou de uma outra coisa.



No *podcast As tintas do mundo*, Lúcio Packter nos informa que o mundo assumirá, provavelmente, as cores que a pessoa pinta desautorizando ou concordando, ou complementando. O que devemos observar como filósofos clínicos é como e quando a pessoa pode interagir com isso.

Will Goya na sua obra ‘A escuta e o Silêncio’ (Goya, 2020. p. 177), conceitua o tópico 01 – como o mundo me parece – como sendo a maneira de avaliar a realidade a qual está inserida e como isso a afeta.

Goya se refere a Merleau-Ponty quando dizia que o mundo que o olho vê estará na perspectiva do olho que vê o mundo (Goya, 2020, p. 140).

Num outro momento, Goya diz que o tópico 1 é como uma pessoa caracteriza o mundo para ela. Ele explica que quando uma pessoa descreve um lugar e, isso não é determinante para ela, então não é o mundo para ela. Porém, se para a pessoa essa descrição é determinante e, tem noção de totalidade, então encontramos o tópico 1. Dessa forma, a pessoa fala do mundo e falará de si mesma. Lembra também que a forma do tópico pode permanecer, mesmo o conteúdo podendo ser alterado. O tópico 1 pode ser determinante em determinados lugares da vida da pessoa e, em outros não.

Nessa mesma linha de pensamento, José Maurício no seu livro ‘Filosofia Clínica e Humanismo’ (2012, p. 104) nos apresenta também que a representação de mundo é única e, a pessoa vê o mundo com os elementos de sua vida e história. Portanto, cabe o clínico observar qual a importância do tópico 1 na malha intelectual da pessoa e, se há choques internos ou conflitos com outros tópicos.

Packter, em seu *podcast O mundo como imagem e semelhança da pessoa*, apresenta-nos que o mundo no qual a pessoa vive será de certa forma a sua imagem e semelhança. Nesse caso, muitos conteúdos que habitam essa pessoa começarão a migrar para essa parte do mundo.

Tudo aquilo que a pessoa considera oportuno, importante, diz respeito a singularidade dela, pois é estar e habitar tudo aquilo que a envolve ou diz respeito a ela. A pessoa ao citar algo sobre o mundo, pode ser uma interpretação dela a depender do contexto. Só saberemos se o mundo para a pessoa é um espelho, ou a pessoa é a imagem e semelhança, ou outra coisa, quando colhermos a historicidade dela.

Em alguns momentos a pessoa pode permitir que o mundo a faça a sua imagem e semelhança e para isso, ela passará a reproduzir verdades e/ou chavões desse mundo.





Muitas pessoas fazem do mundo um espelho, esculpindo como assim elas o desejam. Porém, as pessoas têm a sua volta outras diversas pessoas e, ambas se relacionam entre si e, cada uma delas têm suas visões de mundo que podem ou não se assemelharem. E essas diferenças de visões podem ou não afetar a pessoa que está sendo estudada a sua estrutura de pensamento em clínica. O filósofo clínico, na colheita da historicidade pode ser informado sobre visões de mundo que tenha interseção positiva ou negativa para o partilhante, com relação às pessoas com quem ele interage.

No *podcast O mundo como alienação*, Lúcio Packter nos faz refletir sobre quem é o alienado no mundo. Será o mundo? Será nós? Será a sociedade? Será a época?

De uma forma geral, para que consigamos constatar uma alienação<sup>8</sup> temos que ter critérios. Então, para saber se o mundo é uma alienação, que critérios estabeleceríamos? E seria alienação estabelecer esses critérios? Quem decide os valores no mundo? Que parte do mundo é de nós? Que parte nós somos no mundo?

Em Filosofia Clínica não temos um posicionamento sobre se o mundo é uma alienação ou não. Como filósofos clínicos temos que estar atentos na escuta para entender que o mundo será um encontro de alternativas e buscas subjetivas. Cada um dará o testemunho de como será o seu mundo e, como será o seu viver.

Na obra ‘Raízes Gregas da Filosofia Clínica’, dr. Ronaldo (p. 79) cita que Thomas Reid fala da importância do testemunho<sup>9</sup> para o conhecimento. Thomas Reid diz que a maioria das coisas que sabemos depende da palavra dos outros, de tal forma que muitas crenças sobre o mundo dependem do testemunho, pois contamos com o testemunho<sup>10</sup> para compreender a história e a ciência em geral.

Um outro questionamento seria quando estamos certos e os outros estão errados? Por que os outros não compreendem que temos a razão? Estes questionamentos foram feitos por Lúcio Packter no *podcast Os outros, o certo e o errado*. A resposta a essas perguntas talvez estejam o ponto de interrogação, visto que certo ou errado é uma questão de ponto de vista e não de argumentos ou fatos. Então, se colocarmos um ponto de interrogação nas nossas certezas e nas certezas dos outros, nos aproximaremos do contexto de cada um ao se enxergar como certo ou errado.

---

<sup>8</sup> O conceito de alienação utilizado no texto é no sentido que a pessoa perdeu a razão, sendo aquele que tem falta de conhecimento ou consciência em relação às questões políticas, sociais, etc.

<sup>9</sup> Conceito de testemunho usado foi de uma afirmação fundamentada; depoimento, comprovação.

<sup>10</sup> Nesse sentido, uma pessoa só compreenderia ou aceitaria qualquer afirmação mediante o depoimento de outra pessoa que pudesse afirmar que já comprovou o assunto em questão.





O mundo é como as pessoas o veem. No *videocast* **O mundo como representação**, Schopenhauer é citado por Lúcio Packter (2008) como o filósofo que disse que cada um de nós tem uma representação de mundo. Tudo o que uma pessoa pensa é uma representação dela sobre as verdades e sobre o mundo. Quem fala está falando sobre o seu próprio mundo. E isso pode nos afetar ou não, nos aproximando, nos afastando ou não causando nenhum efeito sobre essa representação subjetiva.

Schopenhauer fala do mundo como uma representação e, cada pessoa pode limitar ou não a sua representação de mundo à sua vontade. Para aprender que cada um tem uma representação de mundo, é necessária uma construção desse entendimento.

No encarte ‘Filosofia Clínica – Propedêutica’, Packter cita Protágoras (um sofista da Grécia Antiga – 481 a.C a 411 a. C.) que cada pessoa é “[...] a medida de todas as coisas”. Schopenhauer fala que o mundo é uma representação minha, mas também advertiu que “[...] o mundo vai muito além da minha representação”. E essa ideia foi complementada com Nietzsche quando nos apresenta os conceitos das verdades<sup>11</sup>. Na Filosofia Clínica nos deparamos com duas verdades: a verdade subjetiva e a verdade convencional. Uma não exclui a outra, mas ambas coabitam no mundo.

Miguel Caruzo na sua obra ‘Introdução à Filosofia Clínica’ (2021, p. 60) conceitua o tópico 1 “[...] como o sujeito representa o mundo, como é para ele”. Nessa obra o autor diz que o filósofo clínico não deve se preocupar se essa representação de mundo se aproxima da realidade da maioria das pessoas, mas significa como é o mundo para o partilhante. Nesse sentido, a representação de mundo dessa pessoa poderá estar implicada em quem ele é e em seu modo de agir.

## 2.2 CONCEITUALIZAÇÃO DOS EXAMES CATEGORIAIS

No Caderno A, Packter diz que com os exames categoriais “[...] o filósofo forma um conceito bem estruturado do mundo da outra pessoa: uma representação para si mesmo da representação do outro” (p. 23, 2020). Nessa mesma obra, Lúcio diz que os exames categoriais localizam existencialmente a pessoa. E na obra ‘Filosofia Clínica – Propedêutica’ (1997), Packter nos diz que localizar existencialmente uma pessoa é saber

---

<sup>11</sup> Neste trabalho não houve o objetivo de apresentar a teoria de Nietzsche sobre as verdades e, sim de apenas fazer referência aos diversos entendimentos sobre o conceito de verdade.



onde ela **mora**, qual o seu idioma, como é a situação política e histórica de seu país e, assim sucessivamente.

Na obra ‘Dicionário de Filosofia Clínica’, as autoras apresentam o objetivo do uso das categorias que é de clinicamente localizar existencialmente a pessoa. E esse objetivo é alcançado quando o filósofo clínico se detém a compendiar, a ordenar clinicamente os dados, sempre apreendidos no sentido literal. Nessa colheita categorial o filósofo clínico deverá se limitar a agendamentos mínimos, documentando a história de vida da pessoa contada por ela mesma. Somente com os exames categoriais é possível construir a Estrutura de Pensamento da pessoa.

José Maurício de Carvalho, no livro ‘Introdução à filosofia clínica e filosofia aplicada: avaliação e fundamentações’ (2014), diz que a análise categorial é o primeiro momento na Filosofia Clínica, onde o filósofo clínico investiga como a pessoa está e o modo como ela se relaciona com o que está a sua volta.

Nessa mesma obra, José Maurício diz que ao longo da tradição filosófica consolidou-se que a consciência humana é histórica e, portanto o homem tem uma experiência reduzida de mundo, pois ela é condicionada por sua situação histórico-espacial. Então, uma verdade deverá ser tratada de acordo com um tempo, sendo nesse caso uma verdade construída, convencionada.

No livro ‘Diálogos em Filosofia Clínica’ (2013, p. 24), José Maurício conceitua os exames categoriais como sendo como o filósofo clínico situa o partilhante no mundo.

Na obra ‘Diálogos: filosofia grega & Filosofia Clínica’, os autores apresentam os exames categoriais como sendo a forma que o filósofo clínico localiza existencialmente o partilhante no mundo e, através das categorias é possível verificar como a pessoa se articula, ou seja, interage, com o seu entorno.

Numa outra obra, ‘Subjetividade e Corporalidade na filosofia e na psicologia: Karl Jaspers, Merleau-Ponty e a Filosofia Clínica’ (2014, p. 34), José Maurício diz que a Filosofia Clínica estuda a relação da pessoa com o meio através dos exames categoriais e, lembra que para Lúcio Packter, as categorias são construídas como predicados do ser<sup>12</sup>. Nesse caso, vale salientar que na Filosofia Clínica as categorias são construídas como predicados do ser, mas desenvolvidas em sentidos que ultrapassam ao corpo aristotélico, abarcando percepções e entendimentos de corporalidade para além de uma matriz biológica. Na mesma obra, na página 38, que ao colher a história de vida do partilhante,

---

<sup>12</sup> Referência às categorias de Aristóteles.



os exames categoriais servirão para se observar como esse partilhante se relaciona com o que o cerca. Portanto, o homem passa ser alguém situado no mundo para o filósofo clínico.

No livro ‘Compêndio de Filosofia Clínica’, as autoras colocam que os exames categoriais servem para contextualizar a história de vida do partilhante com o objetivo de reduzir equívocos na colheita da historicidade. E nos cita que: “Conhecer com riqueza de detalhes uma história de vida é a busca inicial numa Terapia filosófica” (Paulo; Niederauer, 2013).

Explorando as cinco Categorias: Assunto (Imediato e Último), Lugar, Tempo, Relação e Circunstâncias, o Filósofo forma um conceito mais estruturado do mundo da outra pessoa, uma representação para si mesmo da representação do outro, conforme nos diz Packter. (Paulo; Niederauer, 2013, p. 101-102)

Will Goya, no seu livro ‘A escuta e o Silêncio’ (2020, p. 166) diz que os exames (bases) categoriais são uma investigação dos cinco conceitos fundamentais (assunto, lugar, tempo, relação e circunstância) que o filósofo clínico contextualiza a existência subjetiva do partilhante em comparação com os dados objetivos do mundo que o envolve.

Goya, numa aula dada em 21 de dezembro de 2013, disponibilizada no *Youtube* (Will Goya, filósofo clínico, 2019), apresenta que a intencionalidade categorial, que dará ensejo às cinco categorias dos exames categoriais na Filosofia Clínica, significa que quando alguém conta algo, ela está comprometida com a sua perspectiva. Então, os estados de julgamento que dirão como as coisas são. Desta forma, o julgamento de uma pessoa sobre uma coisa ou o outro e, também será da própria pessoa, pois olhamos as coisas como elas são para nós. As pessoas ao falarem sobre sua história, podem usar uma linguagem calcada pelas categorias, ou seja, pelos exames categoriais. Por exemplo, quando alguém fala do tempo ou lugar estão falando de si mesmas usando uma categoria como parâmetro ou mesmo como forma e conceito sobre si.

Nessa mesma aula, Will conceitua os exames categoriais como parâmetros para entender a pessoa. As cinco categorias dos exames categoriais (assunto, tempo, lugar, circunstância e relação) são utilizadas como as características para se chegar na singularidade do indivíduo. Ao se estudar os exames categoriais de uma pessoa devemos nos questionar sobre o que estrutura e desestrutura uma pessoa segundo os elementos subjetivos dela. Podemos dizer que através dos exames categoriais, o filósofo clínico mapeia a pessoa de acordo com o mundo singular dela.



José Maurício no seu livro ‘Filosofia Clínica e Humanismo’ (2012, p. 27) cita que Lúcio Packter entende que as pessoas percebem subjetivamente o mundo, porém isso não exclui que há valores e coisas que não são relativos. Há uma instância social que dirige o mundo com relação a regras e leis. E essas regras e leis podem ser entendidas como a base categorial que independe da percepção subjetiva do partilhante.

Hélio Strassburger em sua obra ‘Filosofia Clínica: anotações e reflexões de um consultório’, afirma que com os exames categoriais “[...] é possível localizar a base na qual o filósofo clínico irá trabalhar, numa aproximação com a estrutura de pensamento do partilhante, [...]”, e que isto acontece “[...] tendo acesso a sua subjetividade traduzida em tópicos estruturais dinâmicos (autogenia), sejam eles determinantes, periféricos ou em fase de emancipação” (2021, p. 72). Portanto, para o filósofo clínico Helio Strassburger, os exames categoriais são o primeiro passo para “[...] localizar existencialmente a pessoa, saber onde nasceu, como foi criada, suas convivências, seus lugares e tempos, suas interseções e o que mais apareça pela via da narrativa clínica”. (2021, p. 69)

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribui para o estudo da Estrutura de Pensamento da pessoa na Filosofia Clínica, com ênfase no tópico 01 (como o mundo me parece) relacionado às bases e aos exames categoriais<sup>13</sup>. O leitor poderá através dos conceitos apresentados fazer uma comparação dos significados com o objetivo de verificar que há diferenças entre esses temas. O tópico 1 refere-se a representação de mundo para o partilhante, os exames categoriais referem-se aos dados coletados do partilhante que possam servir para localizá-lo existencialmente. As bases categoriais se referem ao senso comum relativos a um determinado contexto.

A observação das influências culturais, religiosas e socioeconômicas no estudo dos exames categoriais, na construção das representações do partilhante, são de grande importância para que o filósofo clínico possa no planejamento clínico utilizar-se da percepção construída pela pessoa com o objetivo de aumentar, diminuir ou extinguir esta percepção. Portanto, os tópicos conflitantes serão adequados à malha intelectual do partilhante.

---

<sup>13</sup> As bases categoriais se referem ao mundo que independe da percepção do partilhante. Nessa observação pode-se constatar as estruturas de pensamento coletivas, que fazem parte de uma época e que independem da consciência e intencionalidade da pessoa.



Na colheita da Historicidade é onde encontramos as percepções e os conflitos dos tópicos da Estrutura de Pensamento do partilhante. E com base no estudo dos Exames Categoriais podemos pesquisar a formação das representações contidas nas lembranças da pessoa.

E como uma forma de auxiliar a compreensão do leitor, seja ele estudante de Filosofia Clínica ou já filósofo clínico em seus atendimentos clínicos, apresentar uma compilação de levantamentos bibliográficos sobre a conceitualização fenomenológica do tópico 1 – como o mundo me parece e dos exames categoriais facilita os estudos e entendimento sobre os temas em questão.

Com o objetivo de apresentar a identificação do tópico 01 e dos exames categoriais em clínica, segue breve relato de um caso clínico atendido por nós em consultório, resguardadas a identificação e os dados que porventura identifiquem o partilhante.

Relato de Experiência em consultório a partir da aplicação da metodologia da Filosofia Clínica na identificação do tópico 1, dos exames categoriais e da base categorial numa estrutura de pensamento<sup>14</sup>:

Certo dia, um rapaz que após os cumprimentos iniciais, informou que estava ali por uma insistência da avó, pois ele acreditava que ninguém poderia persuadi-lo de uma nova tentativa de suicídio. Inicialmente, expliquei a ele que a Filosofia Clínica não tem julgamentos com relação ao modo como as pessoas percebem o mundo e se relacionam com ele. Foi pedido a ele que me contasse o motivo da insistência da avó para ele iniciar a terapia. Ele me disse que estava com 25 anos de idade e desde os 15 anos tentava o suicídio. Após uma conversa sobre a forma que as tentativas eram feitas e o porquê ele não conseguia concretizar a sua morte, ele começou a me contar o porquê ele decidira morrer.

Ele falava assim: “Eu tenho que morrer! E essa é uma escolha que deveria ter o direito de escolher. Muitas pessoas morrem a todo momento por diversos motivos, uns por doenças, outros assassinados, e muitos por fome”.

O mundo era um lugar insuportável de se viver. Havia muitas injustiças, muitos conflitos, muitos preconceitos e tudo isso fazia as pessoas sofrerem. E ele não era diferente de qualquer outra pessoa. O seu mundo era cruel com ele. No seu mundo, ninguém o amava ou via alguma qualidade nele. E mesmo que vissem algo de positivo, o mundo numa forma geral costumava não ser generoso e bondoso com as pessoas. Ele se perguntava o porquê de tantas pessoas sofrendo. Ele se sentia impotente diante dessa dor das pessoas, pois acreditava que não tinha nada a contribuir para algum bem coletivo e sua morte seria um acontecimento sem nenhuma importância num universo em geral. Algumas pessoas poderiam até sentir sua falta, mas ele acabaria com a sua dor de não conseguir conviver com a dor do mundo.

<sup>14</sup> Para saber mais, Cf. Brumm, 2023, ‘Filosofia clínica e as diferenças entre o tópico 1 e os exames categoriais’, Capítulo 3, p. 62-63.



Bem, esse foi um trecho de muitas sessões onde o mundo por ele era visto como um lugar de muito sofrimento e, esse mundo o afetava. Nesse caso, o tópico 1 era determinante na sua Estrutura de Pensamento.

Com a colheita da historicidade foram estudados e identificados outros tópicos que se relacionavam com o tópico 1 e, com o planejamento clínico foi possível mostrar uma nova perspectiva que ajudasse o partilhante a se sentir útil no mundo e, por conseguinte alinhar essa utilidade com os seus pré-juízos (T5) e axiologia (T18), outros tópicos que estavam em autogenia com o tópico 1 – como o mundo me parece (T1).

Já com relação aos exames categoriais a identificação se dá quando o partilhante informa o assunto que o trouxe à clínica (assunto imediato), a circunstância, o lugar onde nasceu e vive (lugar), o tempo percebido (tempo) e, as pessoas com se relaciona (relação). Como exemplo, poderíamos brevemente citar: “Eu nasci em 19 de agosto de 1979, na cidade de Rio Branco/Acre onde vivi até os meus 11 anos e, depois me mudei para Goiânia/GO. Hoje moro com meu marido e duas filhas...”. Nesse exemplo identificamos ano, lugar e algumas relações. A categoria circunstância será relatada à medida que a historicidade for colhida., observando as circunstâncias de cada momento. A categoria tempo é observada na conjunção verbal que se utiliza o partilhante em seus relatos, além do tempo cronológico informado, seja essa data ou hora. A categoria assunto, que se subdivide em assunto imediato e último, também será identificada com o relato, onde o assunto imediato é o motivo que o trouxe a terapia e, assunto último é a análise do problema com mais profundidade que pode coincidir ou não com o assunto imediato. A categoria relação diz respeito aos vínculos específicos que se mostram importantes em função ao assunto último.

## REFERÊNCIAS

AS TINTAS do mundo. [Locução de]: Lúcio Packter. [S.l.]: **Programa Conversando com Lúcio Packter**, [s.d.]. *Podcast* (33 min 20 s.). Disponível em <https://institutosendtko.eadbox.com/ng/student/courses/programa-de-p-s-graduacao-lato-sensu-em-filosofia-clinica-ead/lectures/mes-02-podcast-o-mundo-como-representacao/contents/5e20adc43cb632002792c07b/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BRUM, Lúlia Paula Peixoto de Campos. **Filosofia Clínica e as diferenças entre o Tópico 1 e os Exames Categoriais**. 2023. 73 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Clínica) – Instituto Sendtko de Ensino Superior, Chapecó/SC, 2023.



CARVALHO, José Maurício de. **Diálogos em filosofia clínica**. São Paulo: FiloCzar, 2013.

CARVALHO, José Maurício de. **Filosofia Clínica e Humanismo**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.

CARVALHO, José Maurício de. **Subjetividade e corporalidade na filosofia clínica e na psicologia**: Karl Jaspers, Merleau-Ponty e a filosofia clínica. São Paulo: FiloCzar, 2014.

CARUZO, Miguel Ângelo. **Introdução à Filosofia Clínica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. (1ª. Reimpressão, 2022).

EP: TÓPICOS 1 E 2 – como o mundo me parece; o que acha de si mesmo – Will Goya [01. lav] (aula 11.4). Publicado pelo canal **Will Goya, filósofo clínico**. Produção: Casa de Estudos Francisco de Assis. Aula 11 – parte II – da Formação em Teoria da Filosofia Clínica – Turma Magnólia; 17 mar 2018 (Publicação *on-line*: 29 mar. 2019). 1 vídeo (33 min 31 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gx5fZPDBMZ4>. Acesso em: 20 jun. 2020.

GOYA, Will. **A escuta e o silêncio**: a história de Laura – Terapia em Filosofia Clínica. 4. ed. Porto Alegre: Mikelis, 2020.

NAUROSKI, Everson A, SILVA, Miguel. **Diálogos**: filosofia grega & Filosofia Clínica. Porto Alegre: Mikelis, 2019.

NUNES, Rochelle Garcia e PEDROSA, Rosemary. **Dicionário de Filosofia Clínica**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

NUNES, Rochelle Garcia e PEDROSA, Rosemary. Dicionário de Filosofia Clínica, **Partilhas** – Revista de Filosofia Clínica do IMFIC, Ano VII e VIII, n. 7 e n. 8, nov. 2023, p. 11 – 72 (Sessão Vocabulário). 62 p. Caldas/MG: IMFIC – Instituto Mineiro de Filosofia Clínica, 2023. Disponível em: [https://www.revistapartilhas.org/\\_files/ugd/b3c8b3\\_c87b003ef53545cfa579cf84ff86470f.pdf](https://www.revistapartilhas.org/_files/ugd/b3c8b3_c87b003ef53545cfa579cf84ff86470f.pdf). Acesso em: 03 jan. 2024.

O MUNDO como alienação. [Locução de]: Lúcio Packter. [S.l.]: **Programa Conversando com Lúcio Packter**, [s.d.]. *Podcast* (36 min 52 s). Disponível em: <https://institutosendtko.eadbox.com/ng/student/courses/programa-de-p-s-graduacao-lato-sensu-em-filosofia-clinica-ead/lectures/mes-02-podcast-o-mundo-como-representacao/contents/5e20af4e3cb632003792c676/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

O MUNDO como imagem e semelhança da pessoa. [Locução de]: Lúcio Packter. [S.l.]: **Programa Conversando com Lúcio Packter**, [s.d.]. *Podcast* (30 min). Disponível em <https://institutosendtko.eadbox.com/ng/student/courses/programa-de-p-s-graduacao-lato-sensu-em-filosofia-clinica-ead/lectures/mes-02-podcast-o-mundo-como-representacao/contents/5e20aed83cb632003b92c43e/>. Acesso em: 01 jun. 2022.





O MUNDO como representação. Direção: Jafa. Produção: Som Maior – Antena 1 FM. Porto Alegre/RS. [Locução de]: Lúcio Packter. [S.l.]: **Programa A Opinião das Oito** (Tema: Schopenhauer, o mundo como representação), de Ribeirão Preto/SP, 17 jan. 2008. *Videocast* (9 min. 53 s.). Disponível em:

<https://institutosendtko.eadbox.com/ng/student/courses/programa-de-p-s-graduacao-lato-sensu-em-filosofia-clinica-ead/lectures/mes-02-podcast-o-mundo-como-representacao/contents/5e20af4e3cb632003792c676/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

OS CINCO EXAMES/bases categoriais e a prática da Filosofia Clínica – Will Goya [4. lot] (parte IV). Publicado pelo canal **Will Goya, filósofo clínico**. Produção: Casa de Estudos Francisco de Assis. Aula de 21dez 2013 – Especialização em Teoria da Filosofia Clínica, turma Flor de Lótus. Goiânia, 18 jan. 2014 (Publicação *on-line*: 03 out. 2019). 1 vídeo (2 h 05 min 28 s.). Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=P-z\\_ZJWF6WA](https://www.youtube.com/watch?v=P-z_ZJWF6WA). Acesso em: 12 jul. 2022.

OS OUTROS, o certo e o errado. [Locução de]: Lúcio Packter. [S.l.]: **Programa Conversando com Lúcio Packter**, [s.d.]. *Podcast* (33 min 20 s.). Disponível em <https://institutosendtko.eadbox.com/ng/student/courses/programa-de-p-s-graduacao-lato-sensu-em-filosofia-clinica-ead/lectures/mes-02-podcast-o-mundo-como-representacao/contents/5e20af8c3cb632002b92c7d0/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PACKTER, Lúcio. **Caderno A, Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Mikelis, 2020. 67p.

PACKTER, Lúcio. **Caderno B** – especialização em Filosofia Clínica. Porto Alegre: Instituto Packter, 1997.

PACKTER, Lúcio. Conversando com Lúcio Packter, **Facebook** (Comunidade). Disponível em: <https://www.facebook.com/ConversandocomLucioPackter/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PACKTER, Lúcio. Conversando com Lúcio Packter, **Site**. Disponível em: <http://www.luciopackter.com.br/conversandocomluciopackter/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica** – encarte da obra “Filosofia Clínica – Propedêutica”. Porto Alegre: Instituto Packter, 1997.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica – Propedêutica**. 3. ed. Florianópolis: Garapuvu, 2001. 176 p.

PACKTER, Lúcio, RASTROJO, José Barrientos, CARVALHO, José Maurício de. **Introdução à filosofia clínica e filosofia aplicada: avaliação e fundamentações**. São Paulo: FiloCzar, 2014.

PAULO, Margarida N.; NIEDERAUER, Mariza Z. **Compêndio de filosofia clínica: caso Nina**. Revisado e Ampliado. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013. 306 p.



PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2022.

SILVA, Ronaldo Miguel da (org.). **Raízes Gregas da Filosofia Clínica**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

STRASSBURGER, Hélio. **Filosofia clínica**: anotações e reflexões de um consultório. Porto Alegre: Sulina, 2021.

SUBJETIVIDADE. [Locução de]: Lúcio Packter. [S.l.]: **Programa Conversando com Lúcio Packter**, [s.d.]. *Podcast* (31 min 09 s.). Disponível em <https://institutosendtko.eadbox.com/ng/student/courses/programa-de-p-s-graduacao-lato-sensu-em-filosofia-clinica-ead/lectures/mes-02-podcast-o-mundo-como-representacao/contents/5e20ad2e3cb632002b92c465/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

---

\* Mestranda do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC – Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-MLI-FC). E-mail: [luliapaula@yahoo.com.br](mailto:luliapaula@yahoo.com.br).